

28/2/98
 JT
 5
 08

Um intransigente ecológico

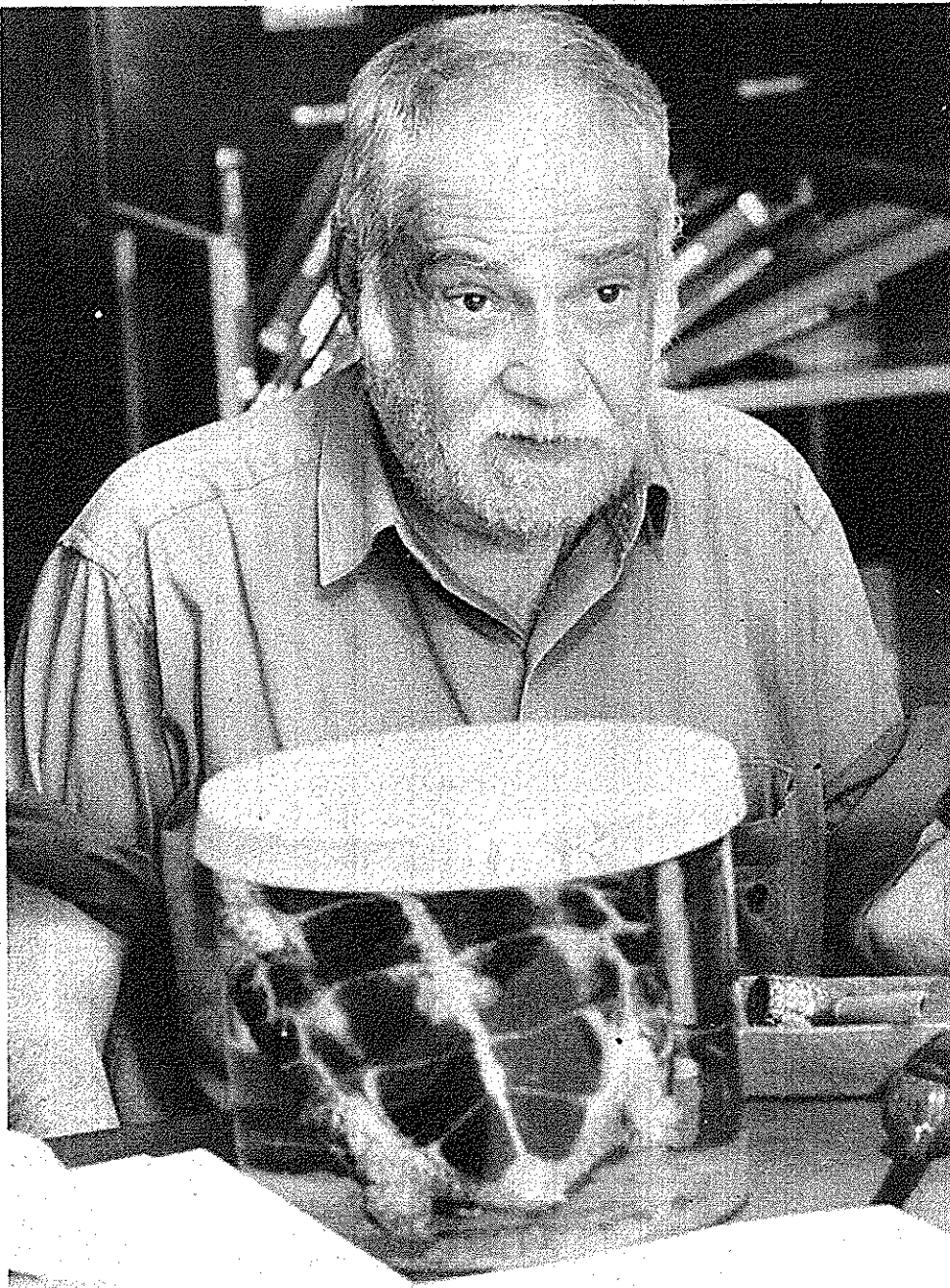
Desprezando fórmulas prontas importadas, o professor Paulo Vanzolini demole tabus e critica a política ambiental brasileira

Renato Jubran/AE - 01.11.1995

Aos 74 anos o professor Paulo Emílio Vanzolini é um exemplo de pesquisador do Museu de Zoologia da USP, do qual foi diretor por mais de 30 anos, até se aposentar compulsoriamente há cinco anos. Chega cedo e sai tarde, sem perder tempo com outra coisa além de seus estudos. "Entrevista sobre o Wilson? Não gosto de falar dos outros", não hesita em responder ao telefone. Depois de alguma insistência, ele concorda e nem se preocupa com a agenda: "Pode vir qualquer dia, 18h." Ele não sacrifica o expediente.

Dono de um cabedal teórico invejável, o professor Vanzolini estuda répteis sul-americanos como quem coleciona selos e se orgulha de ter um escritório que reúne toda a bibliografia da área. Terminando um trabalho sobre jabutis, revela por que se meteu a estudar os ovos dessa estranha criatura: "Peguei duas fêmeas e elas desovaram. O imperativo ético de quem sacrifica espécimes da natureza é extrair o máximo possível de informações."

Uma conversa com quem adora o que faz é sempre agradável, mas conversar com o professor Vanzolini traz evocações das mais diversas. Não fosse conhecido pelas suas músicas, como *Ronda* e expressões que já foram até para o Aurélio, como "dar



O pesquisador Paulo Vanzolini: "Aqui você tem de proteger até tartaruga, senão ela vira sopa"

O imperativo ético de quem sacrifica espécimes da natureza é extrair o máximo possível de informações

a volta por cima", mesmo assim seria possível intuir sua verve poética a partir da articulação de seu discurso, pleora de alegorias, metáforas e significados figurados profícos de pronto, sem qualquer elaboração aparente. O "japonês de Birutiba" é a figura do agricultor honesto e ingênuo, que sofre abusos da polícia florestal. "Corredor de fauna é coisa pra caribú" compacta sua discordância com a aplicação de soluções para regiões nevadas nos trópicos brasileiros.

Faz muitos anos que o professor Vanzolini está com o pé na estrada e conhece o Brasil como poucos. Com o mesmo fervor com que se embrenha numa briga com o próprio secretário do Meio Ambiente sobre uma área do Vale do Ribeira ("capoeira de quarto, quinto corte, e querem chamar de Mata Atlântica") fica indignado com a moeda corrente utilizada na reforma agrária. Segundo denuncia, o governo federal, sem meios para prover as famílias assentadas no campo com os insumos básicos necessários à sua instalação, estaria loteando uma reserva florestal no norte de Mato Grosso, de maneira que os colonos possam torear as árvores, vender a madeira e se instalar no lugar. Caridade federal feita com o chapéu da biodiversidade universal. Em outras palavras, é bom que o governo preste bem a atenção na nova legislação ambiental que o presidente da República acaba de sancionar. Mesmo com os vetos, ele poderá ser o primeiro réu a ser processado.

Na entrevista, o professor Vanzolini fala de ambiente, de preservação, da nova esperança para a Mata Atlântica, de sua amizade com Edward Wilson e da vida acadêmica. Parece estar sempre metido em alguma briga, na qual os insultos por vezes foram recebidos como elogios, por exemplo quando foi definido, de forma pouco nobre, como "macaco em loja de louça". Ele agradeceu a reverência.

O Brasil vai terminar o século com uma situação invejável, no contexto internacional, em termos de biodiversidade. Temos a maior diversidade de primatas de todo planeta, são mais de 50 espécies conhecidas. Temos mais de 300 milhões de hectares de matas fechadas e uma nova legislação ambiental. Será que temos mesmo motivos para ficar contentes? As perspectivas são boas?

É difícil dar uma resposta definida. A situação varia muito de um ano para o outro. Há uns três anos a situação era ótima, apesar de todo alarido. Na Amazônia, 7% da floresta estava no chão. Hoje são 13%! Quer dizer, tudo depende da capacidade do governo em segurar a derrubada. Mas algumas políticas têm que mudar. No norte do Mato Grosso (Aripuanã, Panelas) o Inera está usando reserva de mata para assentar famílias de sem-terra. Como o governo não tem dinheiro, prefere entregar a mata, porque assim o colono vende a madeira e pode comprar o que precisa para plantar. Se o governo der a terra derrubada, o colono não se instala, porque não tem apoio. Como hoje o negócio é na motosserra, não é mais no machado, de uma hora para outra a mata está toda no chão.

O governo acena com a ampliação das áreas de proteção ambiental, ligando-as com corredores de vegetação preservada. Isso poderia ser uma solução para preservar a biodiversidade?

Corredor é uma besteira! Corredor é uma adaptação de soluções de zonas temperadas e boreais, onde parte da fauna empreende migrações sazonais.

Corredor é para caribú, não é para anta, para macaco. O que importa, aqui nos trópicos, é área, é metro quadrado, é hectare. Se a ideia é preservar, só há uma solução: cerca e polícia.

Mas essa solução já não pode ser aplicada em muitas áreas, como a Mata Atlântica. Argumenta-se que as populações de manchas isoladas de mata são pequenas e os acasalamentos entre parentes vão diminuindo a variabilidade genética da população, o que coloca em risco sua sobrevivência. Com os corredores seria possível reverter essa situação.

Variabilidade genética é área, os corredores não ajudam em nada, a não ser a área que têm.

O próprio Edward Wilson mostrou isso em um de seus trabalhos com formigas no Pacífico. Quanto maior a área, maior o número de espécies do local. A correlação é direta: derrubou a mata, diminui o número total de espécies que a área pode suportar. Não há escapatória. Corredor, área privilegiada, isso tudo é bobagem. Veja só o projeto da chamada Rodovia do Sol, que ia rasgar a Mata Atlântica do planalto até a areia no litoral de São Paulo e que foi embargado na justiça. Tinha até túnel para capivara, como se isso pudesse compensar a mata derrubada. Isso é solução na Trans-Canadá, não no trópico, onde não há fluxo migratório de fauna. Nos trópicos as espécies são todas residentes. A única solução é preservar área.

Mas no caso específico da Mata Atlântica essa solução não é mais possível. O que restou dela é quase nada. Se interligar as manchas remanescentes não é solução, o que pode ser feito?

Reflorestar, mas reflorestar mesmo, com as espécies originais. Hoje isso já é possível, graças ao método Kageyama. O Paulo Kageyama é um geneticista da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, da USP em Piracicaba. A primeira experiência em larga escala está sendo feita nas margens do lago da usina Porto Primavera, que tem 18 km de largura por 300 km de comprimento. É um reflorestamento feito com espécies nativas de grande importância ecológica. Uma beira de represa "refeita" desse modo pode vir a ser melhor do que a situação primitiva.

Muitos dizem que cercar não é solução...

Você tem que cercar e garantir a integridade da área. Hoje tem palmeiros atuando na Reserva Biológica de Boracéia, a 105 km da cidade de São Paulo, no nariz da Polícia Florestal. O palmeiro passa em frente da Sabesp e ninguém vê nada. É engraçado, os palmeiros ninguém pega. Mas tem sempre um japonês de Birutiba levando multa porque roçou o quintal ou cortou a grama do campo de futebol. Para preservar tem de jogar duro. Você sabe por que existe ainda hoje o Parque Indígena do Xingu? Porque os índios pegam o garimpeiro, matam e jogam no rio. Eu vi eles fazendo isso. Para nós pode parecer uma barbaridade, mas é o jeito de eles preservarem o lugar. Eles pegam o garimpeiro e fazem a maior festa. Furam ele todo de flecha e ficam espalhando para ver se está se fingindo de morto. Eles fazem de conta que acreditam e deixam o cara se arrastar um pouco. São duas, três horas de história de como mataram aquele garimpeiro. É por isso que ainda existe o Parque Indígena do Xingu. Veja os Yanomami: eles não mataram os garimpeiros e o que aconteceu? Os garimpeiros mataram os Yanomami.

Existe uma certa crença de que temos que aprender com os índios sobre manejo da floresta. Até que ponto isso é real? Existe algo de místico nisso?

Os índios vivem bem com a floresta porque têm baixa densidade populacional. Só isso. A roça do índio faz bem para a mata. Ele abre uma clareira onde pode haver regeneração. Mas as clareiras são pequenas, não mais do que o tamanho de um quarto, nem isso. Quantos índios existem numa aldeia de mata? São só uns 50, 60.

Então a agressão ao meio que eles podem fazer é inevitavelmente pequena. E a clareira é rapidamente repovoada, aumentando até mesmo a diversidade biológica do local. As roças abandonadas são a oportunidade de vida de muitas espécies vegetais. Por exemplo, uma castanheira não vive perto de outra castanheira. Então a clareira é a oportunidade de dispersão dessas espécies que não são gregárias. Quando você tem muita castanheira junto, você está numa tremenda exceção, uma aberração da natureza. Aliás, eu já me meti em encrenca por causa disso.

Como foi isso?

No tempo da ditadura militar, saíram anunciando que havia 40 metros cúbicos de madeira por hectare em Tucuruí. Eles pegaram uma mancha de castanheiras e fizeram o cálculo. Um jornalista me entrevistou e eu disse que era absurdo. Eu conhecia outro estudo, feito com um longo transecto na Amazônia, o que garante uma amostragem muito mais real. O máximo encontrado foram 13m³ por hectare. Eles me chamaram e me perguntaram se eu estava desafiando. Mas eu não voltei atrás. Eu disse para o major que ia dar no máximo 7m³ de madeira. Sabe quanto deu? Seis e meio!

Quer dizer que se os povos indígenas aumentarem muito a sua densidade populacional o ambiente vai sofrer também...

Veja o caso dos caiapó. São aldeias enormes, de 800 índios, eles têm prefeitura, administração pública. Eles só não devastam a mata porque vivem no cerrado. Eles vivem de rocinha de milho na vazante do rio e de caça.

E a caça não prejudica as populações naturais?

Bobagem! Essa história de que o tamandua-bandeira é espécie ameaçada é outra besteira sem tamanho. Quando a densidade populacional da espécie caçada baixa muito, o esforço de caça é tão grande que não vale mais a pena caçar. Esse é o caso do peixe-boi, por exemplo. Mas não é o do tamandua. O que está ameaçado não é o tamandua, é o cerrado, e ninguém fala nisso. Com tecnologia, a maior praga do cerrado hoje se chama soja. O cerrado está mais ameaçado do que a mata amazônica. Quantas espécies de madeira amazônica você acha que são exportadas? São apenas umas cinco ou seis, não mais do que isso. Só se exporta madeira que dá plaqueteado. Se fala muito em mogno... mas a ucutiba dá um plaqueteado de dois milímetros. Ai sim você vê um navio com dez mil toneladas de madeira, mas são cinco, seis espécies. A chamada riqueza florestal brasileira é só conversa fiada. O cerrado é devastado com um "correntão". Não sobra nada. Portanto, lá a caça não é o maior problema.

Mas a extinção de grandes mamíferos é atribuída à caça dos paleoíndios.

Essa é uma tese do Paul Martin, que lançou a ideia no início dos anos 70, a respeito da megafauna fóssil da América do Norte, e ninguém mais falou nisso. Acho bobagem. Caça, na pequena escala dos índios, não extingue espécies.

A proibição de caça no Brasil é então uma legislação desnecessária? Nesse caso, o que vale nas regiões temperadas pode valer para o trópico? Lá existe estação

de caça e a indústria de armamentos diz que isso até ajuda a manejar populações. Seria o caso do Brasil?

De jeito nenhum. A caça tem de continuar proibida. Em grande escala, é tragédia. Nas regiões temperadas você pode caçar quantas espécies? São três ou quatro. E mesmo assim você paga uma fortuna pela licença. Lá existe manejo das populações caçadas. Aqui é diferente. Nós nem sabemos quais bichos existem, não conhecemos o tamanho de suas populações, não sabemos quase nada de sua ecologia. E não temos os rebanhos de grandes mamíferos das pradarias temperadas ou das savanas africanas. Aqui você tem que proteger até tartaruga senão ela vira sopa.

Wilson abre seu livro afirmando que o maior perigo atual para a biodiversidade é a população dos países subdesenvolvidos. O norte temperado preservacionista parece que quer puxar a orelha do sul tropical cheio de filhos devastadores. Isso não lhe parece muito ideológico?

Os europeus têm complexo de culpa. Eles acabaram com tudo o que tinham e agora querem se redimir olhando para os trópicos. Mas o fator objetivo é, de novo, a densidade demográfica. Em país pobre, muita gente ocupa muita área com baixa tecnologia. E cada um que nasce é mais área... Só pode dar encrenca. Não há arame farpado nem biodiversidade que resista.

Os biólogos moleculares argumentam que cercar largas áreas não é eficiente, bastaria guardar o DNA das espécies. O que o senhor acha disso?

O Isaias (Isaias Raw, bioquímico da USP) vive me telefonando dizendo para eu jogar fora as cobras que ele me dá um freezer para guardar o DNA delas. Mas essa polêmica é falsa. Tudo depende de quanto você tem para gastar. Se pode gastar muito, você pode fazer um banco de genoplasmata. Se pode gastar pouco, o negócio é comprar arame farpado. O que você não pode fazer é jogar dinheiro fora, tirando bicho de um canto e colocando em outro. Foi o que aconteceu em Rosana. Transportaram 200 macacos para uma reserva e seis meses depois 198 estavam mortos. O traslado de fauna, o chamado "salvamento", dá lobo mas um mês depois a fauna já está toda morta. Ai sim o negócio é estocar, colocar na geladeira, abastecer museus, criatórios, zoológicos e se preparar para agüentar as ONGs.

Em seu livro autobiográfico Wilson se diz muito agradecido, sobretudo aos inimigos que possui. Os "moleculares" nutriam profundo desprezo pelos ecólogos no fim da década de 1950. Entre eles, cita grandes nomes da biologia molecular de Harvard, até mesmo James Watson, que acabou ganhando o Nobel pela descoberta da estrutura do DNA...

Isso já está totalmente superado. Hoje todo mundo conversa normalmente. O Wilson não tem do que se queixar, ele ganhou até mesmo um departamento em Harvard, o de Biologia Organísmica. Ele é muito político. Fomos colegas na pós-graduação em Harvard, e quando ele foi convidado para ser Junior Fellow todo mundo já sabia que ele iria seguir carreira e ser titular de Harvard. O grupo dele conseguiu se unir e fundar um departamento. E olha que Harvard não é brincadeira. É um dos lugares mais difíceis do mundo para se trabalhar.

Certa vez o senhor definiu Stephen Jay Gould (paleontólogo e escritor) como um professor "meio Unicamp". O que seria Wilson? Um professor "meio USP"?

O Wilson é um cara muito sério, é dos bons mesmo. Essa coisa de USP e Unicamp pode parecer preconceito, mas não é. A começar pela fundação. Nem me pergunte o que eu penso do Zeferino Vaz, do ponto de vista científico e administrativo. Foi homem dos milicos, foi reitor da Universidade de Brasília, o único a colocar na chefia de gabinete um delegado de polícia. Mas é claro que não se pode nivelar tudo por baixo. O Departamento de Botânica da Unicamp, por exemplo, é possivelmente o melhor da América do Sul, e isso graças ao Hermógenes Leitão, que foi um grande botânico e um grande professor. Morreu dando aula no campo. Mas a USP também teve as suas desgraças. Os alemães e os franceses, por exemplo. Os alemães trouxeram sua cátedra ditatorial, os franceses, a escola normal. Você pode pensar em zoólogo que não acredita em evolução? Era o caso do Ernst Marcus (fundador do departamento de Zoologia da USP). E mandava em todo mundo, tinha 17 assistentes e definia o que cada um devia ensinar.

Qual a sua mais recente encrenca?

É com a Fapesp, uma beleza de instituição que eu ajudei a fundar há quase 40 anos e que agora dá pena. O Fleury quis transformá-la em um braço político, subserviente como nunca foi, nem na ditadura. E o Covas, que é um moço bom, não mudou isso. Veja que eu pedi uma bolsa de iniciação científica para uma estudante de graduação que está fazendo um trabalho pioneiro com populações subterrâneas e o pedido foi negado. O assessor não entende nada do assunto. Eu telefonei pra lá e perguntei: "Eu orientei 32 doutorados e não sei nada de Ecologia. Quantos doutores esse sujeito formou?" Deve ter formado uns 320... Estou pagando a moça com dinheiro de meu bolso porque o trabalho é muito bom mesmo. Já estamos no fim, vai dar uma publicação linda. Por isso, nem me fale em Fapesp! (N.B.)

Os europeus têm complexo de culpa. Eles acabaram com tudo o que tinham e agora querem se redimir olhando para os trópicos

Há alternativas de preservação importadas de zonas temperadas. Não dão certo. Aqui, só há uma solução: cerca e polícia

Superadas as encrencas com os militares, Vanzolini se debate com uma instituição de apoio à pesquisa: "subserviente como nunca"